

## Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

### À Flor da Pele

30 de Agosto de 2025

#### Presente / 2022

um filme de Francisco Valente

*Realização, Argumento, Montagem:* Francisco Valente *Imagem (cor):* Ana Mariz *Música: Assistente de imagem:* Ana Ramos *Som, Montagem de som:* Miguel Coelho *Correcção de cor:* Andreia Bertini *Mistura de som:* António Porém Pires *Interpretação:* Maria Jorge (a rapariga), Marco Mendonça (o rapaz).

*Produção:* Agosto Film (Portugal, 2022) *Título em inglês:* Prospect Park *Cópia:* DCP, cor, falado em português com legendas em inglês, 14 minutos *Primeira apresentação pública:* Indielisboa (Competição Nacional) *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

**Presente é apresentado com *Ekstase* de Gustav Machaty (1932, “folha” distribuída em separado)**

---

Era uma vez um planeta calcorreado por um vírus que surtiu um fabuloso efeito de escala alargada, levando os governos de boa parte dos países de vários continentes a pedirem às populações que se confinassem em casa, o que elas fizeram. A história começou na China, as ondas de choque da pandemia Covid-19 chegaram à Europa em princípios de 2021. Foi uma experiência nova, irrepetível nesse desenho, a da sintonia de um mundo em suspensão, afinado pelas mesmas preocupações, com constrangimentos e protocolos genericamente semelhantes. Com as paisagens desertas, em especial as urbanas, com os aviões em terra, os cidadãos em casa, a Natureza irrompeu, o silêncio fez-se ouvir, acompanhou muitas vezes o susto, outras vezes a alegria. Quando houve acalmia, porque para muitos foi muito duro, houve quem por um fogacho acreditasse nas lições de comunidade, solidariedade, mudanças de modo de estar e habitar o planeta que de repente se havia feito notar como chão comum dos humanos. Mesmo antes de os ocidentais darem por si como figurantes de filmes de Ozu, Mizoguchi, Naruse, Shimizu, circulando de máscaras de pano sobre parte dos rostos como modo de prever contágios.

Nos períodos de confinamento, em que as circunstâncias sociais, como a partilha dos espaços públicos, estavam proscritos, não havia espectáculos, não havia cinema nas salas, não havia salas abertas. As pessoas reinventaram vínculos. Em Lisboa, com a Cinemateca fechada, a equipa de programação criou uma sala imaginária em que sobretudo se trocavam palavras. Para essa *sala de projecção* virtual, o Francisco Valente, que se mudara para Nova Iorque para lá continuar a vida de programador, crítico, realizador de cinema escreveu um texto em 5 Maio de 2020, que começava assim, “No quarto escuro”,

“Não me lembro exactamente da última vez que estive numa sala de cinema, dentro deste ano que veio interromper as nossas vidas como uma projecção parada a meio, mas lembro-me exactamente daquilo que sentia dentro dela. Todos nós — cinéfilos, programadores, realizadores — precisamos dessa projecção como quem precisa de água para beber, um serviço que, mesmo no meio de uma epidemia, consideraremos sempre “essencial”. E se sei exactamente aquilo que a sala de cinema me fazia, é porque os filmes que me marcaram nela afectam-me como um amante ao qual voltamos para lhe entregarmos o nosso olhar e o nosso corpo. A experiência de ver um filme numa sala de cinema é, por isso, uma experiência física — e que hoje nos deixa um insubstituível vazio por estarmos impedidos de vivê-la.”

No Agosto do ano seguinte, filmou a quarta de cinco curta-metragens à data deste Agosto de 2025, *Presente. Um Rosto para Ser Amado* (2015), o deambulante filme lisboeta de estreia, de inspiração poética e cinéfila parisiense, antecedeu *Lisboa, 2018*. (2019), de outros amores e outras despedidas em Lisboa. Em Nova Iorque, mais ensaísticos, nasceram *Carnage (or: how I learned to stop worrying and love the virus)* (2020), sob o efeito das profecias de John Carpenter e a realidade da América de Donald Trump, em plena pandemia, e *This Night As Opened My Eyes* (2023), em que se brinca e não se brinca com um *chatbot*. *Presente* é de um tempo entre estes dois últimos. O título acolhe o triplo sentido da contemporaneidade, da resposta a um chamamento, de uma oferta, e na versão inglesa o sentido volta a multiplicar-se: *Prospect Park* vislumbra um futuro, uma vista, o espaço público de um parque em Brooklyn assim chamado. Como as duas primeiras ficções de Valente, é um filme de actores, rodado em Lisboa. Em Agosto de 2021, uma produção Agosto Film para quatro dias de rodagem no Jardim Botânico de Lisboa, três dos quais com os dois actores. Paira o sol de Verão, porventura uma lembrança do cinema de Jorge Silva Melo, que nunca esquecia Cézanne e Merleau-Ponty (*Agosto, 1988*) – “Há um minuto da vida do mundo que passa. Há que o pintar na sua realidade”.

*Presente* é um filme em que é bom ver próximo, como na primeira fala da rapariga (Maria Jorge), dirigindo-se ao rapaz (Marco Mendonça) – “É bom ver-te de perto.” A recém-realidade pandémica é pura elipse, talvez tão estranha como as máscaras que ficaram como apêndices dessa época em filmes que logo nas primeiras projecções causaram essa estranheza, a realidade mais rápida do que a ficção de Hong Sangsoo (*A Romancista e o Seu Filme, 2022*). Ou da de Miguel Gomes e Maureen Fazendeiro em que também vibram a cor e a proximidade dos corpos (*Diários de Otsoga, 2021*), já que na constelação de filmes de uma elíptica realidade pandémica, em que em tudo contaram as minimalistas condições de produção realizadas “em confinamento”, cabem obras tão distintas como, por exemplos, a curta curta dos melros de João Pedro Rodrigues (*Turdus Merula Linnaeus, 1758, 2020*); a adaptação da peça de Eric Rohmer por Rita Azevedo Gomes numa casa em Moledo filmada como *plateau* de cinema (*O Trio em Mi Bemol, 2022*); a ficção de Fredrick Wiseman a partir dos diários de Sofia Tolstaia e da correspondência de Tolstói, com Nathalie Boutefeu num delicado solo por entre a natureza de uma ilha ao largo da costa bretã (*A Couple, 2022*).

Os elementos são importantes. No *Presente* de Francisco Valente, a rima é pura coincidência, conta a nota de que a rarefacção da luz, as copas das árvores, o pipilar dos pássaros são lugar e condição do encontro de dois jovens que, conhecendo-se virtualmente, se vêem pela primeira vez e trocam um beijo sonhado. Conta a qualidade sensorial da imagem habitada pela sensualidade do olhar sobre os corpos – grandes planos, planos aproximados de um pudor táctil – e os sons da natureza, nunca música, raros diálogos, preferidos os sopros da Natureza, chilreios e outros sons, sussurros e zumbidos. Numa primeira parte, num jardim como num bosque ou numa densa floresta luminosa, a conversa dos dois seres é filmada em campos/contracampo que os perscrutam e, adormecidas as personagens, os sondam em fragmentos nos quais cintilam as copas e as ervas em redor. Ouvem-se trovões ao longe quando o sono dos belos adormecidos se torna profundo na segunda parte que casa o sonho com um efeito refractor. O terceiro momento, do beijo, filmado frontalmente, com o fundo vacilante da luz, do céu azul, da vegetação verde, dá o mesmo campo ao rapaz e à rapariga, pele com pele. No epílogo de novos campos/contracampo despertados por um trovão mais próximo, as floridas personagens olham-se deitadas na terra. E é assim, *presente*.

Maria João Madeira